



A EDUCAÇÃO E SEUS SENTIDOS: O QUE PENSA A UNICAMP A RESPEITO DA EDUCAÇÃO

Jéssica Maria Barbosa e Maria Teresa Eglér Mantoan

A pesquisa "*A educação e seus sentidos: o que pensa a UNICAMP a respeito da educação*" buscou conhecer por meio de diferentes práticas presentes no cotidiano a posição de sujeitos com distintas faixas etárias, gêneros, escolaridades e profissões ao se referir ao que é a educação neste país.

De acordo com Brandão¹ (1985), ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços de nossas vidas com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Todos os dias misturamos a vida com a educação, e a presente pesquisa buscou compreender os sentidos que distintas pessoas dão à palavra educação quando se expressam verbalmente. Afinal, é muito comum entre a população brasileira os seguintes comentários: “Com a educação se faz um Brasil melhor e mais justo”; “O Brasil precisa investir mais em educação”; “É com educação que se transforma o mundo”. Mas com a grandeza territorial deste país e toda a sua diversidade cultural, será que todos reproduzem estas frases pensando num mesmo sentido à palavra educação? Aliás, o que significa a palavra educação para você?

Para a construção desta pesquisa, foram realizadas entrevistas com sujeitos pertencentes a grupos específicos como: docentes, discentes, funcionários e terceirizados da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Ao todo foram selecionados 36 (trinta e seis) participantes que totalizaram 180 (cento e oitenta) depoimentos referentes a cinco casos fictícios que abordavam a educação familiar, a educação escolar, a educação especial na perspectiva da educação inclusiva e a educação em sociedade que foi subdividida em a educação e a ética, e a educação e relações étnicos-raciais. Segue abaixo os casos utilizados:

¹ BRANDÃO, C. Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.



| | |
|---------------|--|
| CASO 1 | Liz é uma criança de 6 anos que tem fama de ser uma criança teimosa e malcriada no bairro. Seus pais assumem que batem nela para educá-la. Admitem que muitas vezes se sentem mal com isso, mas dizem que se não for assim, ela não será uma criança educada. Você concorda ou não com a opinião desses pais? Por que? |
| CASO 2 | Antônio tem 38 anos e é professor do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma conversa, ele disse: “Eu ensino meus alunos para que eles aprendam o que está no currículo, sejam bem comportados e no futuro, passem no vestibular, e consigam um bom emprego”. Você concorda ou não com a visão de educação deste professor? Por que? |
| CASO 3 | João Pedro tem 10 anos e estudava em uma APAE (ESCOLA ESPECIAL). Atualmente, está matriculado no 3o ano do Ensino Fundamental de uma escola comum, não participa das atividades com os demais colegas de sua sala de aula, não faz suas lições no caderno e já agrediu os colegas. João Pedro conhece as letras do alfabeto e consegue fazer adições simples. Alguns pais de alunos da mesma sala sugerem que o João Pedro volte para APAE porque na escola comum ele não vai se educar. Você concorda ou não com estes pais? Por que? |
| CASO 4 | Claudia tem 52 anos e utiliza o transporte público diariamente. Em uma conversa durante a espera do ônibus, ela disse: “Todo dia é a mesma coisa, eu chego cedo para conseguir ficar entre os primeiros da fila, mas na hora de subir no ônibus, é essa bagunça. É um empurra pra cá, um empurra pra lá. Sabe, eu estou cansada! As pessoas esqueceram o que é educação.” Você concorda ou não que essas pessoas “esqueceram o que é a educação”? Por que? |
| CASO 5 | Maria Isabel tem 12 anos e não consegue se olhar no espelho. A menina relata que todos os dias ao passar pelo portão da escola, ouve os demais alunos dizerem que ela parece “uma macaca”, “um borrão de asfalto” e que ela “precisa dar um jeito no seu cabelo duro”. O diretor da escola disse que esses meninos só são mal educados e que ela não deve ligar para o que eles falam. Você concorda ou não com o diretor da escola? Por que? |

Os depoimentos obtidos foram computados a partir do método do *Discurso do Sujeito Coletivo* (DSC) e subsequente a isto, analisados em busca de compreender



o olhar dessas pessoas quanto à educação e como esta visão afeta as ações, percepções e expectativas voltadas à mesma.

O Discurso do Sujeito Coletivo se caracteriza como um método de pesquisa quali-quantitativo. Tal método é capaz de associar os conteúdos das opiniões de sentido semelhante em categorias e com isso se pode chegar ao pretendido, ou seja, ao discurso de um coletivo dito na primeira pessoa do singular.

O *Discurso do Sujeito Coletivo* (LEFEVRE: LEFEVRE, 2005; 2010) é uma forma de resgatar e apresentar as RS² obtidas de pesquisas empíricas em que as opiniões ou expressões individuais, que apresentam sentidos semelhantes, são agrupadas em categorias semânticas gerais, como normalmente se faz quando se trata de perguntas ou questões abertas. Mas o diferencial da metodologia do DSC é que a cada categoria estão associados os conteúdos das opiniões de sentido semelhante de modo a formar, com tais conteúdos, um depoimento síntese, redigido na primeira pessoa do singular, como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo. Trata-se de um discurso construído na primeira pessoa do coletivo do singular. (MANTOAN, 2014, p.19)³

Pelos Discursos do Sujeito Coletivo compostos pelos depoimentos e revelados pelos cinco casos desta pesquisa, conhecemos um crescimento significativo no pensamento dos depoentes em relação a uma educação crítica, humanizadora e para todos.

No primeiro caso, no qual narramos um exemplo da *Educação Familiar* e o ato de bater como um meio de educar, revelou-se em suas duas categorias um exemplo de transformação na educação de crianças. Ambos os discursos apontaram o bater como algo inaceitável e reconheceram o diálogo como o principal meio de educar. Do mesmo modo, no segundo caso em que se discute a *Educação Escolar*, com 80,56% das respostas, a “*categoria A - a educação não se resume ao vestibular*” superou as nossas expectativas apontando a importância de uma educação crítica que busca a formação de cidadãos e práticas educacionais voltadas às transformações individuais e sociais.

A *Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*, exemplificada no caso três, aponta um crescimento significativo na compreensão de uma escola que deve atender todas as pessoas sem qualquer tipo de discriminação. Percebe-se

² RS: Representações sociais.

³ MANTOAN, Maria Teresa Eglér. (org.). *A Escola e Suas Transformações, a partir da educação especial, na perspectiva inclusiva*. Campinas: Librum, 2014. 191 pp.



também uma mudança no entendimento e no olhar para a pessoa com deficiência, que foi expressado em diversos momentos, sendo que é um direito destas pessoas frequentarem a escola comum. É claro que esse olhar ainda não é unanimidade, e a categoria B apontou que 38,89% das pessoas ainda concordam com a escola especial.

No caso quatro sobre a *Educação em Sociedade* foi onde se revelou a maior divergência de opiniões. Foram formadas três categorias: na categoria A - a *ineficiência do transporte público*, 13,89 % das pessoas justificaram que furar uma fila não é falta de educação, mas uma questão que vem do déficit do transporte público. Já na categoria B, 50% das pessoas acreditam que sim, as pessoas esqueceram o que é a educação para viver em sociedade. De outro lado, a categoria C com 36,11 % volta a afirmar assim como na categoria A, que as pessoas não esqueceram o que é educação, justificando que o caso narrado é um caso isolado.

Sobre a *Educação e as Relações Étnico-Raciais*, caso 5, verificou-se uma unanimidade nas respostas referentes ao racismo. A categoria A com 52,78% afirmou a importância de uma escola acolhedora e crítica, que trata com seus alunos assuntos que vão além do currículo formal. O mesmo caso encerra a pesquisa reafirmando tudo aquilo que foi discutido nos quatro casos anteriores, trazendo nos Discursos do Sujeito Coletivo o quanto reproduzimos aquilo que vivemos em casa, a importância do diálogo e da escola como formadora de cidadãos em uma sociedade que respeita a diferença.

Concluo dizendo que esta pesquisa que foi inspirada nessas modalidades de educação, constituem um bom começo para se compreender como o sentidos e as práticas de educação tem evoluído, de um modelo punitivo, preconceituoso e discriminatório, para um modelo mais inclusivo. Os discursos também revelaram que é possível pensar em uma escola de nível básico que seja humanizadora e crítica, fazendo com que aos poucos a escola tradicional que ainda presente nos dias de hoje, perca a sua identificação como um curso preparatório para o vestibular.